

Eppur, si muove



JORNAL DE PIRACICABA

C

SAÚDE

LITERATURA

CINEMA

ENTRETENIMENTO

SOCIAL

TRADIÇÕES

Domingo, 25 de janeiro de 2004

Reprodução Henrique Spavieri

Parque do Mirante reserva história e memória

CELIANA PERINA

celiana@jpjournal.com.br

Um povo ligado a história do seu rio. Majestoso Salto, que além de dar nome ao município, inspirou o poeta e jurista Brasília Machado Neto a chamar Piracicaba de "Noiva da Colina", por causa da imagem de sua névoa que se erguia das águas transparentes, como um véu de noiva. Mas ele também deu fama e tradição a lugares que hoje são referência, como o Parque do Mirante, que permite a observação privilegiada do Salto, da Rua do Porto e da cidade. Nas décadas de 60 — período em que o lugar foi transformado em obra arquitetônica e o restaurante Mirante foi inaugurado — 70 e 80 passou a atrair turistas de várias localidades.

Mas o Salto não é a única atração que desperta fascínio. Em seu bosque, centenas de árvores nativas, frutíferas e exóticas. Tem peroba-roxa, aroeira, pimenteira, jatobá, canafistula, guapuruvu, jacarandá, bico-de-pato, jacarandá-paulista e figueira-branca. Sem contar das alamedas que permitem passear pelo bosque ao som do canto de pássaros e ainda tem mesinhas, na sua inauguração utilizadas para fazer piquenique.

O Mirante inspirava os enamorados. Como conta o comerciante Rubens Teixeira, 77, que há 55 anos ia no local para namorar com a sua esposa Doracy (falecida). Ele afirma que o lugar atraía os jovens, pois era possível pescar e o contato com a natureza era garantido. O local ainda tem um significado especial para Teixeira, já que até hoje sobrevive da venda de artesanato em madeira para os que visitam o ponto turístico.

Foi com o dinheiro destes produtos — provenientes do Nordeste e Serra Negra — que conseguiu estudar os filhos. Teixeira relata que há cerca de 15 anos, aproximadamente 17 barracas vendiam artesanato e lembranças típicas. Hoje são apenas três. O comércio era mantido pelo turismo. Teixeira se recorda que os ônibus de turistas ficavam estacionados na Rua Murice Allain. Em alguns dias, eles eram mais de 20. "Teve época que mais de 300 pessoas visitavam o Mirante, hoje num dia de grande movimento, chegam a ser 100. Acho que a modernidade, a baixa do rio e a falta de um programa específico para divulgar o local contribuíram para a queda do número de visitas", avalia.

Sebastião Jorge, 65, freqüente o Mirante há 44 anos. Na juventude,

o rio-clarense foi algumas vezes ao local para namorar. Hoje, vende flautas de taquara do reino fabricadas por ele. "O Mirante já foi muito bom e era muito visitado, o velho Piracicaba era despoluído, as pessoas ainda gostavam de apreciar a piracema", diz. Orgulhoso, o artesão relata que vendeu suas flautas para figuras ilustres, como o governador Geraldo de Barros, o ecologista Chico Mendes, Francisco Medeiros, assessores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e outros.

Visitando o local, a barbarenses Valdineia Serra, 24, conta que não se cansa de sair de sua cidade para apreciar as belezas do Parque do Mirante. Ela vem acompanhada do namorado e algumas vezes, traz os sobrinhos. Em sua opinião, o lugar atrai aqueles que procuram na vida do interior uma ligação com suas raízes. "Nem mesmo com o avanço tecnológico a Noiva da Colina perde o seu charme, mas sinto falta de um parque destinado às crianças e os sanitários reformados", comenta.

SUCESSO DE VISITAÇÃO — Entre os anos de 1906 e 1907, o Barão de Rezende, que era dono de todas as terras da Vila Rezende, construiu um belvedere no local. Segundo o historiador e folclorista Hugo Pedro Carradore, Rezende tinha um coração muito generoso e o belvedere servia para o grande divertimento do povo. O historiador conta que nesta época São Paulo, que hoje completa 450 anos, tinha apenas 30 mil habitantes.

Dados do Ippap (Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba), em 1932, o Mirante foi remodelado durante a gestão do Cel. Fernando Febeliano da Costa, quando foram refeitos os passeios e espalhadas mesas para piqueniques. Em 1955, ele foi demolido para dar início a obra arquitetônica, inaugurada no dia 1º de agosto de 1962, por ocasião do bicentenário da cidade.

O presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Haldumont Nobre Ferraz, fala que a obra foi do prefeito na época, Salgot Castillon, que em um ano de governo começou várias obras no município. "O novo Mirante e o restaurante atraíram muitos turistas. Salgot estruturou o local para o turismo", acrescenta.

Ao lado direito da entrada principal, há um grande painel executado pela artista plástica Clemência Pizzigatti, em 1978. O mural tem 36 metros de comprimento e 4 de largura.

RESTAURANTE — Não dá para falar da história do Mirante,



Entre os anos de 1906 e 1907, o Barão de Rezende, que era dono de todas as terras da Vila Rezende, construiu um belvedere onde hoje fica o Mirante

Arquivo JP



Rubens ia no local quando jovem para namorar Doracy, sua esposa

sem mencionar o tradicional restaurante Mirante, inaugurado no dia 1º de agosto de 1962. De acordo com um dos proprietários, Ariovaldo Benits, 49, em 1968 ele e sua família vieram de Santos a Piracicaba para terminar a ampliação dos dois salões do restaurante, já que a demanda de clientes era muita. "Até a década de 80, o Mirante chegava servir no domingo mais de 1.000 refeições e o parque era visitado por mais pessoas", completa. Quando sua família chegou, o restaurante já existia há seis anos.

Segundo ele, entre os anos de 1962 e 1966 os clientes ainda podiam saborear dourados e pintados pescados na hora, no próprio rio Piracicaba. Benits diz que em meados de 1985, as visitas ao ponto turístico caíram, devido a falta de manutenção e conservação. Em contrapartida, a fama do restaurante ultrapassou as fronteiras do município.

"A duplicação das estradas facilita a vinda de turistas de várias localidades. Nos finais de semana, 90% da minha clientela são turistas, o que equivale 400 pessoas. O pintado na brasa é tradicional", conta.

PROJETOS E OBRAS — Não

existe um projeto executivo específico e detalhado de intervenção do espaço, no projeto Beira Rio, mas, seguramente, tem um lugar importante no projeto, por conta da sua localização privilegiada, histórico e reserva ambiental. A afirmação é do presidente do Ippap (Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba) Jefferson Goulart, que diz que o Parque do Mirante está sendo incluído num estudo que o integra ao Engenho Central, Parque do Engenho. "A idéia é fazer um plano de uso e ocupação, que ao mesmo tempo afirme estes espaços como patrimônios históricos a serem preservados, polos turísticos e espaços de vivências formatando uma solução que tenha o caráter de integrar todos os espaços", comenta.

O secretário de Turismo do município, Paulo Lopes, conta que foi criado um grupo que envolve o Sedema (Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente) e Setur (Secretaria Municipal do Turismo) para que este ano comecem ações de manutenção (pintura, limpeza e iluminação) no Parque do Mirante e ele volte a ser atrativo aos olhos do público.



Parque do Mirante oferece um panorama privilegiado do Salto e da cidade

Alessandro Maschio/JP



Jorge freqüenta o Mirante há 44 anos; hoje, leva a vida na flautas

Estante

EDITADO POR MARCELO BATUIRA

email: estante@jppjornal.com.br

De Getúlio Vargas a Lula: desenvolvimento e crise no Brasil

Desenvolvimento e Crise no Brasil: História, Economia e Política de Getúlio Vargas a Lula é uma contribuição decisiva para o aprofundamento da análise e discussão dos problemas econômicos e sociais do Brasil contemporâneo. A obra, lançada originalmente em 1968 e tornada clássica ao longo das últimas décadas, ganha nesta edição nova estrutura ao estender seu alcance até o momento atual. Escrita por um dos principais pensadores econômicos do país, estabelece um amplo painel dos percalços dos modelos de desenvolvimento implantados desde a década de 1930, que já iniciado o século XXI - continuam a frustrar as expectativas da maior parcela do povo brasileiro.

O estudo de Luiz Carlos Bresser-Pereira propõe uma reflexão que transcende o objeto mais restrito da ciência econômica, e se desenvolve por uma análise arguta de fatores políticos, sociais e históricos que compuseram e compõem as contingências e os processos decisórios do Brasil. O intercruzamento disciplinar e a visão abrangente do autor, que tornaram a primeira edição um fecundo referencial para as gerações seguintes de pesquisadores, continuam sendo a característica marcante dessa oportuna atualização.

Ao escrever sobre as crises e surtos de desenvolvimento desde o modelo Popular-Nacional de substituição de importações advindo da Revolução de 1930, Bresser-Pereira estabelece paralelos com as diferentes formas de pactos sociais que conduziram a história do Brasil no último século. A extensão da obra até o início do atual governo lança novas luzes as três décadas em que o país viveu, sucessivamente, o período de industrialização com desigualdade do regime autoritário, a crise de inflação com estagnação econômica da década de 1980 e as contradições do liberalismo dependente dos anos 1990. Em todo esse período a nação brasileira passou por imensas transforma-

Luiz Carlos
Bresser-Pereira

Desenvolvimento
e Crise no Brasil

História, Economia e Política
de Getúlio Vargas a Lula



editora 34

ções, sem contudo encontrar soluções para a dependência de capitais externos e para o crescimento errático da economia.

Em Desenvolvimento e Crise no Brasil, Bresser-Pereira proporciona ao leitor uma instigante jornada através da Era Vargas até o atual momento - início de novo século e de nova diretriz política -, no qual se coloca à sociedade uma velha questão: quais modelos econômicos e pactos políticos cumprirão a expectativa de tornar o desenvolvimento brasileiro compatível com seu potencial?

Sobre o autor - Luiz Carlos Bresser-Pereira é professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Ensinau teoria política na USP e teoria do desenvolvimento econômico na Universidade Paris I. Foi também professor visitante da Universidade de Oxford e da École d'Hautes Études en Sciences Sociales. Publicou muitos livros no Brasil e no exterior, e é um dos três economistas brasileiros mais citados internacionalmente. Na política, foi secretário do governo de São Paulo, ministro da Fazenda, da Administração Federal e Reformas do Estado, e da Ciência e Tecnologia.

Título: Desenvolvimento e Crise no Brasil
Subtítulo: História, Economia e Política de Getúlio Vargas a Lula
Autor: Luiz Carlos Bresser-Pereira
456 págs.
Ed. 34

Vila dos Confins, de Mário Palmério

“Para quem conhece o interior do Brasil é ver o retrato do homem do sertão, pintado com cores e matizes do povo brasileiro. Já para quem não conhece, é uma viagem maravilhosa a um mundo mágico. Mário Palmério é esse mágico, contador de história, que constrói, com riqueza de detalhes, um relato histórico emocionante sobre o drama do povo do sertão e sua luta para sobreviver aos interesses políticos dos que controlam seu destino”.

Publicado pela primeira vez em 1956 pela José Olympio, Vila dos Confins já havia passado por várias editoras e agora, em sua 10ª edição, volta à casa antiga, depois de um período fora do mercado.

A José Olympio, desde que foi adquirida pelo Grupo Editorial Record, vem resgatando o melhor de seu catálogo, em consonância com seu projeto de recuperação dos clássicos da literatura brasileira. Já estão sendo relançados os livros de Aníbal Machado, Ariano Suassuna, Cassiano Ri-

cardo, Francisco de Assis Barbosa, Raul Bopp. Muito desses títulos, inclusive, estavam esgotados há alguns anos, caso de Mulher Vestida de Sol, de Ariano Suassuna, que chega às livrarias em outubro.

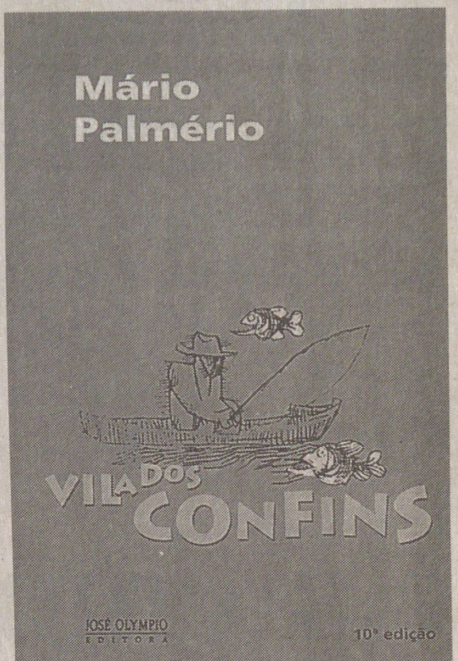
“Vila dos Confins nasceu relato, cresceu crônica e acabou romance”, segundo confessa o próprio autor. O livro é a história de uma eleição num pequeno lugar perdido nos confins brasileiros por meio do qual Mário Palmério revela aspectos da vida sertaneja.

Caçador, pescador, chefe político a comandar várias eleições de sua região eleitoral (Triângulo Mineiro e zona de Paracatu), Palmério condensa essa sua variada experiência no romance que é, desde o seu lançamento, um best-seller, e cujo tema permanece atual até os dias de hoje.

Para a escritora Rachel de Queiroz, que leu os originais, levados na época pelo próprio Palmério, e assina o prefácio, “a primeira qualidade que me impres-

sionou foi o cheiro de terra que o seu livro traz, tão autêntico. Outra qualidade importantíssima é que o homem tem linguagem. Porém, o mais importante, acima de tudo, é que Vila dos Confins é obra de escritor, isto é, de um homem que nasceu dotado especificamente para escrever, mesmo que tenha custado um pouco a descobrir esse dom de nascença”.

Sobre o autor - Educador e político, Mário de Ascensão Palmério nasceu em Monte Carmelo, Minas Gerais, a 1 de março de 1916, e faleceu em Uberaba em 24 de setembro de 1996. Como Graciliano Ramos, estreou na vida literária aos quarenta anos com Vila dos Confins. Nos anos 60, publicou Chapadão do Bugre, a ser relançado pela José Olympio. Em 1968, foi eleito para a cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras,



sucedendo a Guimarães Rosa.

Título: Vila dos Confins
Autor: Mário Palmério
Gênero: Romance
294 págs.
Ed. José Olympio

O Vôo da Vespa, de Ken Follett

Considerado um dos mestres das tramas de suspense e espionagem, Ken Follett escolheu para seu mais novo livro, O vôo da vespa, o período das lendárias batalhas aéreas entre britânicos e alemães na Segunda Guerra Mundial - um terreno fértil em intrigas, estratégias e aventuras arriscadas, como a que dá título ao livro. No caso, é preciso levar fotos ultra-secretas de uma instalação nazista da Dinamarca para a Inglaterra num verdadeiro teco-teco: o Hornet Moth; caso contrário, a guerra pode estar perdida para os aliados.

Follett mistura ficção e realidade, como já fez em outros livros, e a trama acaba sendo uma homenagem ao movimento de resistência que operou na Dinamarca ocupada pelos alemães e que acabou sendo um eficiente canal de espionagem e de fuga de judeus da Europa ocupada para a Inglaterra, além de realizar diversas sabotagens contra os nazistas. Autores britânicos costumam priorizar o suspense em vez da violência neste tipo de história e é o que Follett faz, transformando o tal “vôo da vespa” no clímax de uma aventura cheia de reviravoltas.

Além da trama principal, o autor recheia seu livro de situações paralelas que vão recriando o ambiente de um país ocupado e todas as implicações negativas que isso traz. É o que acontece quando o jovem piloto Harald Olufsen, que tem a missão de tirar e levar as fotos do misterioso equipamento alemão, se indigna após o fechamento de um clube

por causa das pessoas de “raça inferior” que ali tocavam: “Jazz sem negros? Mesma coisa que banir os cozinheiros franceses dos restaurantes”.

Uma das características de Follett bem presente neste livro é a presença de mulheres de personalidade forte e de iniciativa, além de sedutoras, como Karen Duchwitz, a bela bailarina que terá a coragem de conduzir o avião junto com Olufsen. Atrás deles está a inflexível detetive Tilde Jespersen, acompanhada do “durão” Peter Flemming (que tinha uma rixa com a família Olufsen), e a espiã aliada Hermia Mount, uma mulher forte e de língua afiada, criadora do grupo de espiões dinamarqueses intitulados Vigilantes Noturnos.

Olufsen sente vergonha por seu país ter se rendido em apenas 24 horas aos alemães, enquanto a vizinha Noruega lutou durante dois meses. Esse ressentimento dos habitantes de um país ocupado, maior ainda em relação aos simpatizantes dos nazistas, é abordado com bastante sutileza por Follett, principalmente a questão religiosa. Judeus dinamarqueses ainda não eram perseguidos nessa etapa da guerra e uma certa ilusão de tolerância pairava no ar.

Um bombardeio britânico era imprescindível para desviar a atenção da aviação alemã da frente russa, mas para isso era preciso que as fotos chegassem à Inglaterra antes da lua cheia. Enquanto o prazo aperta e a tensão do livro aumenta, Follett



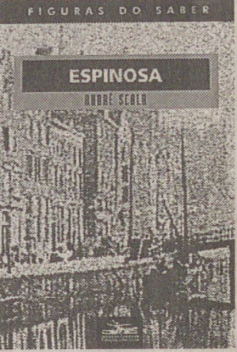
permite que Olufsen, especialista em consertar motores e desajeitado com mulheres, ponha os problemas da guerra em segundo plano: “Por que as garotas não podiam ser mais parecidas com motores?”

O autor - Ken Follett nasceu no País de Gales, em 1949, e reside atualmente na Inglaterra com a esposa, Barbara. Estreou na literatura em 1978, com o romance O buraco da agulha, também ambientado durante a Segunda Guerra Mundial. Rapidamente, tornou-se absoluto sucesso, terminando por virar roteiro de um filme estrelado por Donald Sutherland.

Título: O Vôo da Vespa
Autor: Ken Follett
Tradução: Haroldo Netto
Gênero: Ficção
456 págs.
Ed. Rocco

Espinosa

A André Scala mostra bem porque, em seu tempo, o judeu Baruch Espinosa (1632-1677)



um “cartesiano imoderado”, segundo Leibniz - foi o ateu, o ímpio, o infame; porque, acusado de horribéis heresias e atos monstruosos, foi excomungado pela comunidade de seu povo; e porque, apesar da excomunhão judaica, as portas cristãs não se abriram para ele. Os poderosos não gostam que se lhes anuvie o riso, diz o mesmo Scala, “as religiões sempre se reconciliam pelas costas daqueles que uma delas banuiu”.

Este livro, dividido em capítulos que são verdadeiras introduções a cada grande obra de Espinosa (Tratado da Emenda do intelecto, Princípios da filosofia de René Descartes, Tratado teológico-político e Ética), mostra como o filho de um comerciante de Amsterdã se tornou filósofo e de que forma ele fez filosofia, apesar de todos os obstáculos: pregando a completa liberdade de pensamento e de prática religiosa, atacando a superstição, desvelando os artifícios do poder para conseguir a servidão e a obediência, e defendendo a ideia de que nosso principal objetivo é levar uma vida terrena plena e prazerosa.

O autor - André Scala, é professor de Filosofia na Universidade de Valenciennes e de Lille III. Publicou Spinoza, Traité de la réforme de l'entendement, tradução, introdução e notas (1991) e Pieter de Hooch (1991).

Título: Espinosa
Autor: André Scala
136 págs.
Tradução: Tessa Moura Lacerda
Ed. Estação Liberdade

Os cinco CDs mais vendidos

Laser Express

- 1º Jovem Pan Na Balada 8, “Vários”, Dance, R\$ 27,90
- 2º White Stripes, “Elephant”, Rock, R\$ 26,90
- 3º Link 182, “Link 182”, Rock, R\$ 31,90
- 4º Celso Melotto, “Mensagens e Parábolas”, Vol.4, R\$ 14,90
- 5º Mazinho Quevedo, “Terra da Gente”, Sertanejo, R\$ 25,90

A Musical

- 1º Teodoro e Sampaio, “Mulher Chorona”, Sertanejo, R\$ 21,90
- 2º Bruno & Marrone, “Inevitável”, Sertanejo, R\$ 23,90
- 3º Axé Bahia, “Vol.3”, Axé, R\$ 19,90
- 4º Arriba Saia, “Vol.5”, Forró Nordestino, R\$ 9,90
- 5º KLB, “Só Sucessos”, Pop, R\$ 19,90

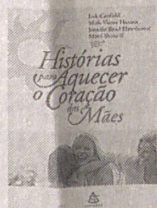
Sky Blue

- 1º Jovem Pan Na Balada 8, “Vários”, Dance, R\$ 27,90
- 2º Linkin Park, “Live in Texas”, Rock, R\$ 47,90
- 3º Red Hot Chili Peppers, “Greets Test”, Rock R\$ 34,90
- 4º Rita Lee, “Balacobaco”, Rock, R\$ 25,90
- 5º Zeca Pagodinho, “Acústico MTV”, Pagode, R\$ 29,90



Ivani Neves, presidente da Muccap (Associação Pró-Mutirão da Casa Popular de Piracicaba)

“Historias Para Aquecer o Coração das Mães”, Jack Canfield e outros — 192 páginas — Sextante



“O livro fala de pequenas histórias do cotidiano das mães. Do relacionamento entre elas e os seus filhos. Os textos são curtos e comoventes. Cada um tem uma lição de vida”.



Haldumot Nobre Ferraz, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

“A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis”, Lilian Moritz — 560 páginas — Cia das Letras



“A Biblioteca dos Reis é a maior biblioteca criada pelos reis de Portugal e ela é a mãe da Biblioteca Nacional. O livro conta como foi o processo de recuperação do acervo desde o terremoto de Lisboa até a sua chegada ao Brasil.”